

**O CENTAURO EMUDECIDO (DE) DAVID GROSSMAN:
AUTOFICÇÃO EM *FORA DO TEMPO***

**THE MUTED CENTAUR (OF) DAVID GROSSMAN:
AUTOFICTION IN *FAILING OUT OF TIME***

Karla de Almeida Petel¹

Resumo:

Fora do tempo (2012) foi escrito pelo autor contemporâneo israelense David Grossman, cinco anos após ter perdido seu filho durante a segunda guerra com o Líbano, em 2006. A articulação entre prosa e poesia feita por Grossman, nesse texto, serve a propósito de comunicar sua experiência de dor e consternação a partir do luto, revelando seu caráter autoficcional. Da mesma forma, um dos personagens mais emblemáticos da obra – um centauro metade-escritor, metade-escrivaninha – em flagrante bloqueio criativo durante cinco anos, também devido à morte de seu filho, é mais um eco da realidade do escritor em sua literatura de lamentação e melancolia.

Palavras-chave: Literatura israelense contemporânea, autoficção, David Grossman

Abstract:

Failing out of time (2012) was written by contemporary Israeli author David Grossman, five years after losing his son during the second war with Lebanon, in 2006. The articulation between prose and poetry by Grossman in this text serves as the purpose of communicating his experience of pain and consternation from grief, revealing his autofictional character. Likewise, one of the most iconic characters in the text – a half-writer, half-desk centaur – in a blatant creative blockade for five years, also due to the death of his son, is yet another echo of the writer's reality in his literature of lamentation and melancholy.

Keywords: Contemporary israeli literature, autofiction, David Grossman

Nascido em 25 de janeiro de 1954, em Jerusalém, Israel, David Grossman tornou-se um dos principais autores da literatura contemporânea de seu país. Conhecido por fazer parte da chamada “consciência viva de Israel”, Grossman vem há anos atuando também no cenário político israelense, ao lado de outros dois grandes nomes da literatura: A. B. Yehoshua e Amós Oz. Esses três escritores compartilham de muitas ideias em comum e são tidos como grandes influenciadores da sociedade em que vivem.

David Grossman nasceu somente seis anos após a criação do moderno Estado Judeu, em um cenário de fortes contradições. Dentre as mais contundentes, estava a convivência entre a memória da dor de um povo perseguido (e quase dizimado) durante

¹ Professora de Língua e Literatura Hebraicas do Departamento de Letras Orientais e Eslavas da Faculdade de Letras da UFRJ. Doutoranda em Estudos Judaicos pelo Programa de Estudos Judaicos e Árabes da USP. E-mail: karlapetel@gmail.com.

a Segunda Guerra Mundial e a euforia da formação de um estado judaico democrático israelense, reconhecido pela comunidade internacional. Grossman acompanhou o desenvolvimento e a consolidação econômica de um país recém-fundado; viu Israel se tornar uma potência militar de médio porte – apesar do seu pequeníssimo território frente aos países árabes vizinhos; além de testemunhar a construção de uma nova identidade do seu povo, anteriormente disperso por quase dois mil anos, mas que agora estava de volta à sua terra de origem.

David Grossman formou-se em Filosofia e Teatro pela Universidade Hebraica de Jerusalém. Casou-se com Michal Grossman, profissional de psicologia infantil, e tornou-se pai de três filhos: Yonatan, Ruth e Uri Grossman. Hoje, mora em Mivasseret Zion, subúrbio de Jerusalém.

Desde a sua juventude, David Grossman esteve comprometido com esforços práticos para auxiliar na viabilização de boas relações entre Israel e povos árabes. Em 1978, durante o período de negociações de paz entre Israel e Egito nascia, por exemplo, o Movimento Shalom Achshav². Entre os seus fundadores e participantes ativistas, estão, até os dias atuais, Amós Oz e David Grossman.

Entre os princípios que nortearam o Movimento desde seu início, está o direito de Israel viver em fronteiras geográficas seguras, mas também garantir a segurança das fronteiras de seus povos vizinhos, inclusive a dos palestinos. Com a forte atuação do Movimento, as reflexões por parte dos participantes, os debates empreendidos e o apoio crescente da população, o movimento chegou à conclusão de que somente uma poderia ser a solução para o fim dos conflitos, o que levaria ao estabelecimento e consolidação da paz na região: a criação de um Estado Palestino nos territórios ocupados durante a guerra de 1967, mais precisamente ao lado das terras de Israel.

Atualmente, o Shalom Achshav opera através de diversas maneiras, entre as quais se destacam: organização de campanhas populares, desenvolvimento e distribuição de material educativo, confecção de propagandas, elaboração de petições, ministração de conferências e palestras, criação de grupos de reflexão e diálogo, e manifestações em prol não somente de projetos, mas de passos objetivos na difícil caminhada em direção à paz entre Israel e povos árabes.

²*Shalom Achshav*, em português, quer dizer “Paz Agora”.

O propósito principal do Movimento Shalom Achshav, ao longo dos anos, tem sido ampliar a consciência das pessoas em relação aos imensos danos e sofrimentos que têm sofrido os palestinos, não apenas em caráter político e econômico, mas físico e moral também. Dessa forma, o Shalom Achshav quer garantir que a sociedade israelense tenha conhecimento do que é infligido ao povo palestino, um mote sobre o qual seja necessário refletir, bem como uma força de atuação com meios concretos para alcançar o que mais se deseja – uma convivência pacífica.

David Grossman prossegue sendo um dos mais atuantes em favor de uma solução para o conflito israelo-palestino. Entre o grupo de escritores mais polêmicos e críticos, o autor certamente contribuiu para a construção de uma nova literatura israelense, mais engajada e confrontadora.

No ano de 2006, Grossman chegou a apoiar Israel em uma escalada militar contra o Hezbollah, durante a guerra com o Líbano. Entretanto, mesmo com a flagrante dificuldade ao lidar com um grupo terrorista, Grossman acreditou que o Estado Israelense exagerou na retaliação empreendida e liderou um pedido de cessar-fogo, no dia 10 de agosto do mesmo ano.

Vinte dias após chamar a atenção pela necessidade de interrupção do conflito, em uma conferência com a imprensa, um dos filhos de escritor, sargento do exército de Israel – Uri Grossman – veio a falecer durante uma incursão no sul do Líbano. O jovem foi atingido por um míssil antitanque pouco tempo antes de o governo de Israel suspender as operações contra os árabes. Grossman não mudou de opinião em relação à política de seu país, mesmo com a morte de Uri. Pelo contrário: cada vez mais, dedicava-se à luta pelo reconhecimento da necessidade da paz por parte da liderança israelense.

A partir desse episódio, David Grossman naturalmente tornou-se um símbolo de oposição ao governo de Ehud Olmert, o então Primeiro-Ministro de Israel, mas principalmente dois meses depois de seu filho ter sido morto, quando falou a uma multidão de mais de 100.000 israelenses que se uniam para recordar a data de assassinato de Ytzhak Rabin³, em 1995. David Grossman, nesse dia, denunciou os líderes do governo do Estado e convocou o povo a refletir, dizendo que somente se estendessem a mão ao

³ Ytzhak Rabin, quinto Primeiro-Ministro de Israel e ganhador do Prêmio Nobel da Paz, por suas tentativas de estabelecer relações de paz entre israelenses e árabes. Foi assassinado por um judeu radical contrário à assinatura de Rabin no Tratado de Oslo.

povo palestino, poderia haver esperança de paz entre Israel e outros países do Oriente Médio.

Cinco anos depois da morte de seu filho, Grossman lança um livro chamado *Nofel Michutz Lazman*⁴ (em português, *Fora do Tempo*), no qual prosa e poesia se entrelaçam ao longo de toda a obra. Essa arriscada forma de construir o texto resultou em um equilíbrio de gêneros textuais diferentes que se somam na perspectiva de trabalhar com a temática da morte, sem ter a pretensão de dar conta dela, mas assumindo a necessidade de pensá-la. A combinação “prosaico-poética” concede doses de fluidez textual associadas à hesitação, à impossibilidade de expressar; perfazendo um caminho onde voz e silêncio se intercalam, no propósito de refletir e representar relações humanas a partir de perdas.

Essa espécie de “romance em versos”, de David Grossman, nos conta a história de um Homem que, depois de um período de cinco anos de total emudecimento, recupera a fala e anuncia à Mulher, sua esposa, que está de partida para um lugar onde espera encontrar seu filho morto. Esse local é chamado pelos personagens de “lá”, o que nos mostra uma significativa relutância por parte deles em nomeá-lo. Como se o “lá” fosse assim denominado por ser tão denotador de sofrimento e terror que, ao mesmo tempo em que existe em paralelo ao lugar de vida, precisa ser distanciado e evitado, sem que se possa falar nele naturalmente. A Mulher resiste à ideia do Homem e tenta convencê-lo de que não deve ir. No entanto, seu marido ignora a contestação e parte para “lá” mesmo assim, andando em intermináveis círculos, o que acaba por instaurar uma agitação na cidade onde moram, na qual todos os pais estão igualmente enlutados.

O texto tem ares de drama medieval, conferido principalmente por alguns personagens específicos, como o Duque e o Anotador dos Anais da Cidade, que está a seu serviço para registrar a consternação e a melancolia transmitidas nos testemunhos dos pais que perderam seus filhos. Estão também sob seu olhar o Homem, que caminha sem rumo pela cidade, e sua Mulher. O Anotador trava constante embate com outro ser, que tem a aparência de um centauro – um homem metade-escritor, metade-escrivinha. O primeiro enfurece cada vez mais o segundo, por lhe pedir detalhes precisos de sua angústia de luto, o que vai fazendo com que a relação se torne muito tensa entre eles. Temos aqui, portanto, duas figuras muito emblemáticas que tentam expressar antíteses de

⁴*Nofel mi-chutz lazman* em hebraico significa, literalmente, “Caindo de fora para o tempo”.

um mesmo ponto-chave: O Centauro-escritor, que, estando de luto, se vê incapaz e impotente diante de sua escrita e do propósito dela, ou seja, em bloqueio criativo; e o Anotador, que também enlutado, enche seus relatórios de descrição, a partir da observação do trauma dos outros, na ânsia por sufocar seu próprio trauma. Esses personagens oscilam entre manifestações recíprocas de fúria e consolo mútuo, uma vez que, sendo tão diferentes, compartilham, ao mesmo tempo, da mesma experiência de aflição.

Vamos dar uma freada estridente! Vamos pestanejar de surpresa! Que temos aqui? Um centauro! E ainda por cima enlutado! Dois coelhos de uma cajadada só. Rápido e fácil vamos vestir uma expressão de suave condolência e solidariedade e num instante mergulhar a ponta de nossa pena prateada em sua negra tinta, e três-quatro, vamos perguntar sobre seu filho, perguntar sobre o filho, perguntar sobre o filho! E se o interrogado não der respostas suficientes, não desistir, não desistir [...]. (GROSSMAN, 2012, p. 60)

Somam-se a esses personagens de maior relevo outros muitos que integram essa cidade tão cheia de pais que choram, com pesar incessante, a morte de seus filhos. À sua maneira, cada um vai relatando sua dor, recordando cenas do passado recente e distante com seus filhos, pois, no presente, isso já não é mais possível. Em contraponto, então, à tão recorrente imagem dos filhos dependentes de seus pais, está esse novo cenário, tão estranho de abordar, uma vez que subverte a ordem natural da dinâmica da vida – o dos pais que precisam lidar com a perda de seus filhos, tornando-se frágeis por terem que enfrentar a inesperada dor da qual não podem fugir. Esse contexto vai se construindo conforme as famílias vão permanecendo em um ciclo sem fim de lamento, melancolia e luto. Ao longo do texto, o flagrante estado de desolação que se abate sobre os que vivem vai se encarregando de erigir a agonia dos pais, por estarem irremediavelmente “órfãos”. Essa espécie de orfandade ao inverso se mostra reveladora de tentativas e inabilidades da relação do ser humano com um tipo de perda irreparável.

Em Israel, esse fenômeno dos pais enlutados é bastante comum. O ingresso dos filhos no serviço militar e a constante atuação do exército israelense em intermitentes guerras contra países árabes vizinhos faz com que muitas famílias os percam precocemente. Eventos que deveriam ser episódicos, ou nem mesmo existir, transformam-se na realidade do cotidiano do país. Por isso, também, há em hebraico uma expressão que carrega o sentido dessa espécie de “orfandade” às avessas – *horim shkholim*.

A partir de todas essas questões, David Grossman, através da poesia entrelaçada à prosa, toma, por exemplo, a ausência de um dos vários filhos que a cidade perdeu, como permanente presença na vida dos pais:

ANOTADOR DOS ANAIS DA CIDADE: E quando ela diz essas coisas, ele para de andar em volta dela. Ela olha para ele com olhos opacos. Com os braços caídos, perdido, ele fica diante dela, como se nesse momento o tivesse atingido uma flecha disparada há muito tempo.

MULHER:
Voltarei
um dia
a vê-lo como
você é, e não como
ele não é?

HOMEM:
Posso lembrar
de você sem
ele não estar – o teu sorriso, inocente
e otimista – de mim também,
sem ele não estar, eu posso
lembrar. Mas dele,
que estranho:
dele, sem a ausência dele, não posso
mais lembrar. E quanto mais
se alonga o tempo,
mais parece que
quando ele ainda estava
já se exumava dele
seu não estar –

(...)

MULHER:
Naquela noite pensei,
agora vamos nos separar. Juntos não mais
poderemos estar. Quando eu lhe disser
sim,
você abraçará o não,
a ausência dele
você vai abraçar –

HOMEM:
Como chegarmos, pensei
naquela noite,
como chegar-nos um ao outro?
Quando eu a beijar
cortarão minha língua

os cacos de vidro
do nome dele
em sua boca –

MULHER:
Como olhar em meus olhos
se ele está lá
primal como um feto
no negror
da pupila?
Todo olhar, todo
toque serão
cutiladas. Como amar,
pensei naquela noite,
como amaremos
se a ele
num grande amor
concebemos?

(GROSSMAN, 2012, p. 22-24)

O trabalho do Anotador dos Anais da Cidade sob a forma de prosa, em seu papel de observador dos outros personagens que têm que levar suas vidas a partir de uma nova condição – a de seus filhos estarem ausentes – é substancialmente mais direto e descritivo. Ele transmite ao Duque não somente as atitudes do Homem e da Mulher, como também faz comparações a partir de suas impressões. Dessa maneira, seu relatório não é imparcial, mas é também seu sentimento diante da dor dos outros pais, que acaba sendo igualmente sua própria dor. O Anotador, portanto, não é somente uma das vozes do texto, que observa a situação sem lidar com o mesmo desafio dos outros personagens. Ele é um pouco de cada um desses homens e mulheres que observa. E cada um dos observados é um pouco dele também. Assim, ele se converte em olhar não-neutro dos acontecimentos. Logo, quando ele vê o Homem e pensa que ele age como se acabasse de ser flechado por uma seta que há muito fora lançada, é porque ele mesmo se sente assim também. Ele se identifica em suas agonias com aquele homem e, por isso, as narra intensamente. A mera descrição talvez coubesse mais apropriadamente a um anotador que não tivesse experienciado o inferno da perda de um filho.

Em seguida, no mesmo fragmento extraído de *Fora do Tempo* (2012), temos contato com o que vai ser tematizado ao longo de toda a obra: a morte como presença constante na vida dos personagens. A ausência dos filhos, que está sempre pesando sobre as almas dos pais, acaba sendo a única coisa que direciona seus pensamentos, suas decisões e renúncias, suas reflexões sobre a vida, suas considerações sobre o tempo em

que ela não era uma realidade, seu presente sufocante que faz com que as esperanças sejam perdidas, nada mais voltando a ser o que era. O tempo todo, os personagens pensam sobre a morte e o que ela lhes arrancou, de uma hora para a outra, fazendo com que suas vidas fossem cheias de uma espécie de sensação indelével de vazio.

Lidar com a perda é tão irremediavelmente necessário e se torna uma condição tão real em suas vidas, que eles já nem conseguem se ver mais, no presente, sem que a morte faça parte deles próprios. Eles conseguem se recordar no passado, a partir da ausência dele, mas não conseguem voltar ao ponto no qual tudo se transformou. E pior, se eles não tiverem a ausência de seu filho presente em suas vidas, admitem não conseguir nem mesmo senti-lo mais, pois ele agora se manifesta apenas sob forma de ausência. É como se a falta dele fosse agora o único meio para que a presença dele seja, de alguma forma, verdadeira novamente. O reconhecimento da ausência permite que eles estejam próximos ao filho, ou ainda, é como se a total ausência dele em suas vidas fosse uma hipótese considerada impossível, pois o filho sempre vai ser parte deles, ainda que por meio do seu não-lugar na vida.

O que ainda pode ser discutido nesse fragmento é não somente a relação desses pais com a “ausência-presença” do filho, como também a relação deles entre si mesmos, enquanto casal. Eles cogitam assumir total incapacidade de ser parte um do outro, se não se tem mais entre eles o terceiro elemento que os compõem – o próprio filho.

Se os três formavam um só e agora uma parte dessa unidade não está mais, não há unidade. Eles pensam em como seria difícil compreender um amor real a dois, se a mais real prova de seu amor um pelo outro não existe mais enquanto presença real, só enquanto ausência. E se está ausente o fruto da relação, o amor entre eles naturalmente se esvai; a própria relação se esvai. Dessa forma, pensa-se não somente as relações que têm que lidar com a perda do outro que é parte de si, que não está mais ali (o filho), como também do outro que se torna não-unidade estando ali ainda (o cônjuge).

David Grossman acabou a redação desse texto e o publicou justamente cinco anos depois da morte de Uri Grossman, seu filho. Cinco anos foi seu período de emudecimento, assim como o período de emudecimento do Homem, seu personagem, que anda em círculos intermináveis e deseja ir para “lá”. Grossman não escreveu, nem publicou nada, assim como seu centauro em bloqueio criativo, que de tão acometido pela insuportável morte do filho não consegue se desvencilhar da dor e voltar a escrever.

Imediatamente após a publicação dessa obra, em Israel, o autor preferiu não conceder entrevistas, possivelmente porque o texto se trata de uma investigação íntima e pessoal de sua experiência com a perda de Uri. Experiência essa tão próxima dos limites do inexprimível, que o escritor projeta um ser fantástico – metade-homem, metade-escrivaninha – vivendo um impasse enquanto escritor. Sua incapacidade de expressão através da escrita acaba por dar voz ao luto e ao caos. Seu silêncio consegue comunicar muito mais do que as palavras e, por isso, as lacunas são irremediavelmente preenchidas pela consternação.

A esse propósito de mostrar a poesia como uma espécie de linguagem mais próxima da dor, Grossman une a prosa de ficção. O verso, por se aproximar mais do silêncio, na visão do próprio escritor, aborda a questão da morte em sua contenção, em seu sentimento de voltar-se a si mesmo, em sua condição de falar através do não-dizer. Já a ficção, parece ser trabalhada no sentido de conferir ao texto força de narrativa, com elementos característicos, como personagens, enredo, tempo e clímax. Enfim, Grossman encontrou um meio-termo preciso entre conter e soltar um grito.

Quando perguntado sobre suas obras e sobre os ecos de sua própria vida nelas, Grossman sempre fala sobre a necessidade que tem de levar para sua literatura aquilo que o perturba. Ele constantemente faz questão de afirmar que a literatura traz à tona coisas que, em geral, naturalmente negamos, que não queremos confrontar. Só que, ao trazê-las à superfície, se tornam parte de nossa vida e é aí, então, que podemos refletir sobre elas. Ele acredita que não se pode e não se deve fugir do que é difícil de lidar, pois fugir do que nos confronta é fugir de nós mesmos. Em suas palavras, “a literatura serve não para fortalecer, mas para enfraquecer as pessoas; para deixá-las mais sensíveis”⁵.

O escritor afirma que precisa que seus livros surpreendam a ele mesmo, e mais: que o traíam, que o levem a lugares onde ele, em sua vida pequena e protegida, não enfrentaria tais perigos. Ele crê, portanto, que seus livros trazem à tona todas as premissas básicas da sua existência.

Por fim, em relação ao seu próprio ofício, Grossman acredita que a literatura é a salvação do escritor, uma vez que ela contribui para que o autor supere vários tipos de tragédias pessoais, além de enfatizar que ela também ajuda na compreensão de

⁵ Entrevista concedida ao Programa Roda Viva Internacional, do Canal Cultura em janeiro de 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jaZH5DI-EJM&t=152s>. Acesso em 14 mai. 2016.

experiências coletivas em geral. Em suas palavras: “Escrever é uma forma de ficar nu diante da realidade; até mesmo diante da mais terrível realidade. Escrever é tocar um dispositivo elétrico de mãos nuas e não morrer por isso (...)”⁶.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GROSSMAN, David. *Fora do tempo*. Trad.: Paulo Geiger. 1ª Ed. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

⁶ Entrevista concedida ao Programa Roda Viva Internacional, do Canal Cultura em janeiro de 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jaZH5DI-EJM&t=152s>. Acesso em 14 mai. 2016.